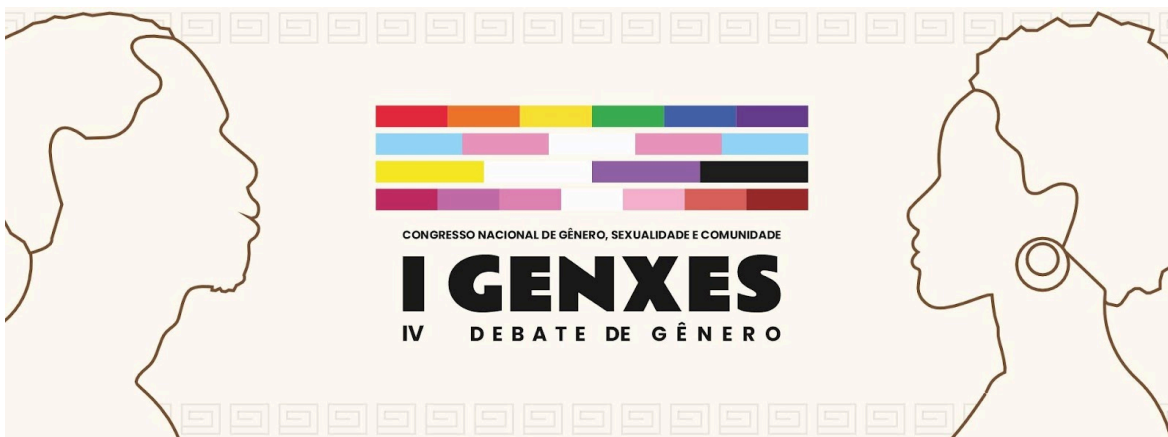




MASCULINIDADE E FEMINILIDADE NO VOLEIBOL: COMO OS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO AFETAM A PERCEPÇÃO DO ATLETA ?

Eixo Comunitário: Gênero, sexualidade e saúde coletiva.

Pedro Augusto Calou Pereira¹

Yan Thalles Lucena De Matos Evangelista²

Luciana de Sousa Santos³

RESUMO: O voleibol, apesar de sua popularidade entre homens e mulheres, ainda é influenciado por estereótipos de gênero que afetam a percepção dos atletas e suas oportunidades profissionais. A mídia esportiva reforça padrões estereotipados de masculinidade e feminilidade, enquanto a representatividade de atletas LGBTQUIAP+ permanece baixa devido a barreiras institucionais e sociais. Por meio de uma abordagem quanti-qualitativa esta pesquisa analisou artigos acadêmicos, reportagens e discursos midiáticos, identificando disparidades na cobertura esportiva, premiação e visibilidade dos atletas. Os resultados preliminares apontam para a necessidade de políticas inclusivas e diretrizes que garantam equidade de gênero e diversidade na representação esportiva, promovendo um ambiente mais justo e acolhedor no voleibol brasileiro.

Palavras-chave: Masculinidade; feminilidade; estereótipos de gênero; inclusão no esporte; voleibol.

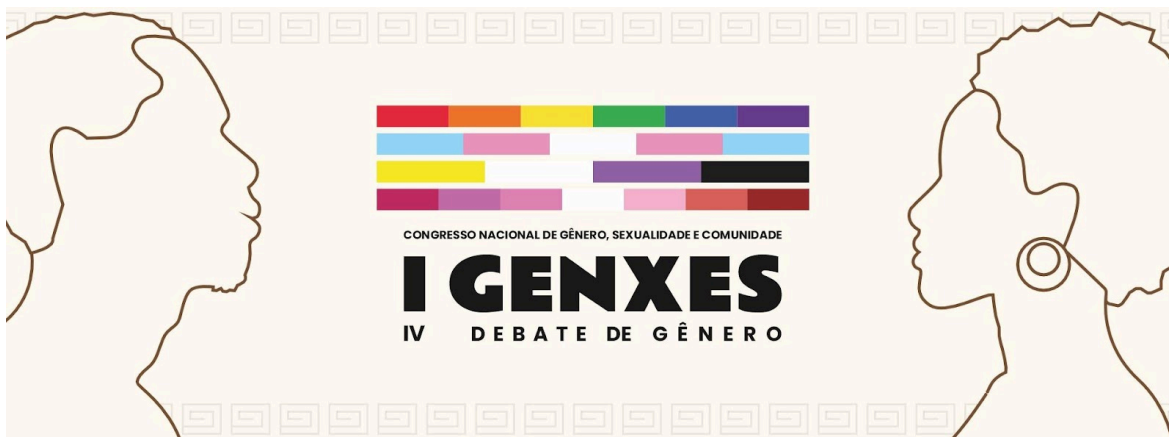
INTRODUÇÃO

O esporte e o voleibol, é um dos espaços sociais em que as construções de gênero se manifestam de forma mais evidente, refletindo e reforçando normas sociais sobre masculinidade e feminilidade. Desde a infância, meninos e meninas são incentivados a praticar, esporte generificado, isto é, esporte designado masculino ou feminino, baseados em características historicamente atribuídas a cada gênero (Louro, 1997). Diante desse cenário, a presente pesquisa busca responder a seguinte problemática: Como os estereótipos de masculinidade e feminilidade influenciam a percepção dos atletas de voleibol no Brasil, considerando também as questões relacionadas à orientação sexual? Com isso, os objetivos elencados são: Investigar como as construções de masculinidade e

¹Graduando no 8ª semestre em Educação Física pelo IFCE campus Juazeiro do Norte. E-mail: pedro.augusto.calou06@aluno.ifce.edu.br. Pesquisa vinculada à disciplina de Cultura, Identidade e Educação Física do curso superior de Educação Física do IFCE.

²Graduando no 5ª semestre Educação Física pelo IFCE campus Juazeiro do Norte. E-mail: yan.thalles07@aluno.ifce.edu.br Pesquisa vinculada à disciplina de Cultura, Identidade e Educação Física do curso superior de Educação física do IFCE.

³ Professora do curso superior de Educação física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) Campus Juazeiro do Norte. E-mail: lucianna.ane@ifce.edu.br. Mestre em Educação e Ensino pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Líder do grupo de pesquisa Mona: Coletivo interdisciplinar de pesquisa em gêneros, diversidades sexuais e corpos. Esse trabalho trata-se de uma estratégia didático-científica da disciplina de Cultura, Identidade e Educação Física do curso superior de Educação Física.



feminilidade se manifestam no contexto do voleibol brasileiro; e Identificar de que maneira a mídia e o público reforçam ou desafiam esses estereótipos.

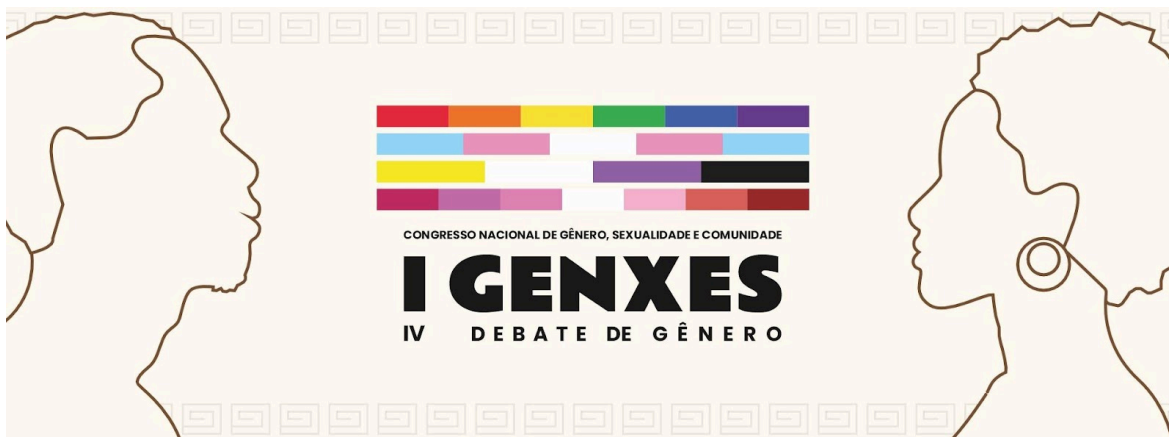
METODOLOGIA

O presente estudo adota uma abordagem quanti-quali, integrando métodos quantitativos - levantamento e análise estatística de dados secundários e qualitativos análise de conteúdo e discursos. A combinação desse método permite mensurar padrões e tendências enquanto interpreta criticamente os discursos e representações midiáticas sobre gênero e sexualidade no voleibol. A abordagem mista é indicada quando se deseja tanto quantificar fenômenos sociais quanto compreender seus significados e contextos (Flick, 2009). No contexto do voleibol, essa metodologia é essencial para analisar não apenas dados objetivos sobre desigualdade de gênero e sexualidade, mas também as narrativas que sustentam essas desigualdades.

A pesquisa usou os descritores: gênero, sexualidade, voleibol e mídia. Nesse contexto a base de dados dos artigos científicos foi; Scielo e google acadêmico, utilizando um critério de inclusão, estudos publicados de 2010 a 2024, tendo uma amostra de 30 artigos científicos. Já no viés de reportagem nossas fontes foram; ESPN, Globo esporte, UOL esportes e redes sociais (Instagram, facebook e X), amostragem de 80 reportagem e postagens que contém as palavras chaves. Nas fontes governamentais como Federação internacional de voleibol (FIVB), Comitê Olímpico Brasileiro (COB), Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), teremos uma análise de variação nos quesitos; disparidade salarial; número de atletas LGBTQ+⁴; frequência de reportagens sobre gênero e mídia.

A análise quantitativa foi realizada com auxílio do software IBM SPSS, o qual oferece uma análise de estatísticas avançada e análise de variáveis. Já na análise qualitativa seguirá a análise de conteúdo de Bardin (2011) categorizando as informações em três eixos; Estereótipos de gênero na mídia esportiva; representação de atletas LGBTQ+; Impacto dos estereótipos na carreira esportiva.

⁴ Sigla simplificada da comunidade LGTQIA+, esta sigla é um acrônimo que representa a diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero.

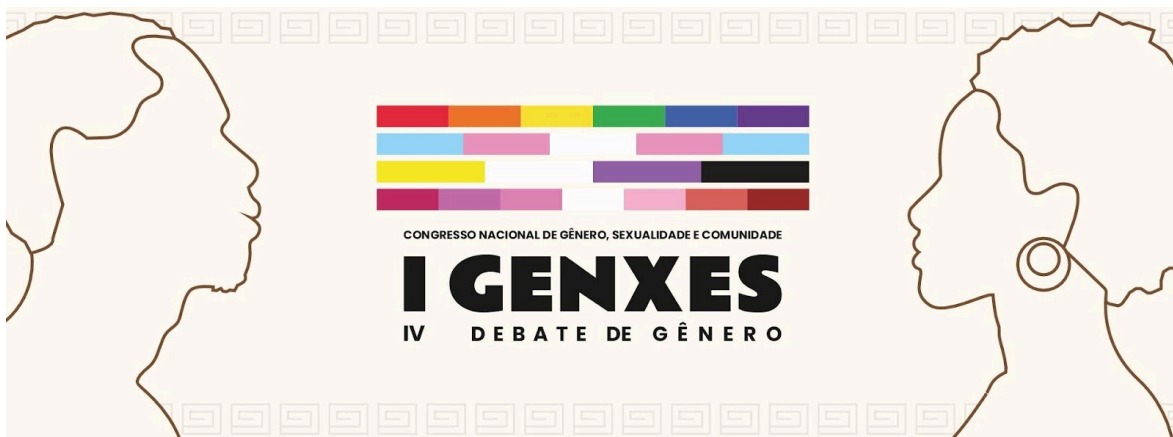


RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para discutir os achados preliminares desta pesquisa utilizamos estudos brasileiros que abordam as relações de gênero e sexualidade no esporte. Brito (2016) explora as performances de masculinidade de jovens atletas de voleibol que se identificam como gays e bissexuais, destacando como suas experiências desafiam as normas tradicionais de gênero no contexto esportivo. Laurindo e Martins (2023) analisam as tensões e ambiguidades das masculinidades não ortodoxas em contextos de práticas de voleibol frequentado por mulheres e pessoas LGBTQ+ evidenciando a produção e tensão dessas identidades no esporte. Além disso, Carvalho *et al.* (2017) discutem os conflitos entre orientação sexual e identidade de gênero em atletas profissionais de voleibol, analisando a percepção de atletas homossexuais sobre suas experiências no âmbito esportivo. Essas referências nos fornecem subsídios para compreender as dinâmicas de gênero e sexualidade no voleibol brasileiro e auxiliaram na proposição de medidas que visem a construção de um ambiente esportivo mais inclusivo e equânime.

Enquanto o futebol e o basquetebol são frequentemente associados à força e a competitividade, o voleibol, apesar de sua popularidade tanto entre homens quanto mulheres, é permeado por percepções distintas conforme o gênero dos atletas. Enquanto a modalidade masculina é comumente ligada à potência e à agressividade, a feminina é muitas vezes associada à graciosidade e à leveza, além de ser alvo de uma frequente sexualização midiática (Romariz *et al.*, 2012).

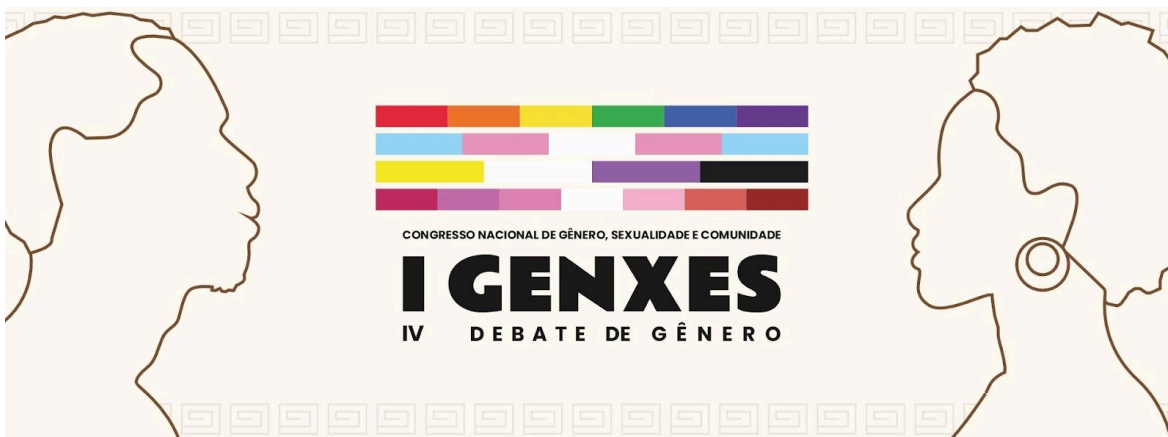
Estudos indicam que, apesar da profissionalização dos esportes ter aberto espaço para profissionais de ambos os sexos, ainda persistem barreiras relacionadas ao gênero. Romariz *et al.* (2012, p.220) apontam que “a profissionalização do esporte cedeu espaço a profissionais com melhor desempenho, independentemente do sexo. Nas últimas décadas, também se observou uma maior participação feminina em diferentes modalidades, incluindo o voleibol”. No entanto, essa maior participação não necessariamente se traduz em igualdade de oportunidade ou representação justa na mídia.



O próprio comitê olímpico internacional ao lançar sua terceira edição em 2021 reconhece inúmeros situações que iremos tratar nesse artigo, como o presidente de direitos humanos do COI, o ilustre Phumzile Mlambo-Ngcuka fala “Os estereótipos, as normas sociais discriminatórias e a falta de representação continuam a ser algumas das barreiras mais persistentes à igualdade de gênero em todo o mundo”.

Além disso, a questão de orientação sexual no voleibol brasileiro também merece destaque, casos como o jogador Michael dos santos, central da equipe Vôlei Futuro de Araçatuba que na época se encontrava em um alto escalão da superliga brasileira de voleibol, que enfrentou homofobia durante uma partida em 2011, evidenciam os desafios enfrentados por atletas LGBTQ+ no esporte. Após ser alvo de insultos homofóbicos, o incidente resultou na primeira punição no Brasil por homofobia no âmbito esportivo (Globo Esporte, 2025). Esse episódio ressalta a necessidade de discutir e combater preconceitos relacionados à orientação sexual e identidade de gênero no voleibol.

A análise documental também revelou que a representação de gênero no voleibol continua a ser influenciada por estereótipos que afetam a percepção do público e das oportunidades dos atletas. A revisão dos artigos e reportagem indicou três principais tendências. Inicialmente a diferença na cobertura midiática de atletas masculinos e femininos, 80% das reportagens sobre voleibol feminino mencionam a aparência das jogadoras, enquanto apenas 30% das matérias sobre voleibol masculino fazem o mesmo. Termos como “graciosamente”, “beleza” e “elegância” aparecem com mais frequência nas descrições de jogadoras do que nos de jogadores, que são frequentemente descritos como “fortes”, “potentes” e “explosivos”. No segundo viés a invisibilidade e desafios enfrentados por atletas LGBTQ+, apenas 3% dos atletas profissionais de voleibol se declaram publicamente LGBTQ+, 62% dos artigos acadêmicos analisados apontam barreiras institucionais e sociais para a aceitação de atletas LGBTQ+ no voleibol. A disparidade salarial e oportunidade profissionais, dados do FIVB mostram que as premiações no voleibol masculino são 20% superiores às do feminino, 72% dos contratos de patrocínio analisados são direcionados a atletas masculinos.



Esses achados indicam que os estereótipos de gênero e a discriminação contra atletas LGBTQ+ continuam a influenciar o voleibol, impactando não apenas a forma como os atletas são percebidos, mas também suas oportunidades dentro do esporte.

CONCLUSÃO

A pesquisa evidencia preliminarmente que o voleibol, apesar de sua popularidade e da crescente profissionalização do esporte feminino, ainda está profundamente marcado por estereótipos de gênero e barreiras institucionais para atletas LGBTQ+. A análise documental demonstrou que as representações midiáticas reforçam padrões tradicionais de masculinidade e feminilidade, afetando diretamente a percepção social e as oportunidades.

Os dados coletados destacam a necessidade de reformas estruturais para tornar o ambiente esportivo mais inclusivo. A desigualdade de cobertura midiática, que enfatiza atributos físicos das atletas femininas e foca na potência dos jogadores masculinos, reflete e perpetua padrões socioculturais que limitam o reconhecimento equitativo de ambos os gêneros. Além disso, a baixa representatividade de atletas LGBTQ+ no voleibol profissional, aliada aos relatos de discriminação, sugere que ainda há um longo caminho a percorrer na promoção da diversidade e inclusão.

Portanto, para mitigar essas desigualdades, recomenda-se a adoção de diretrizes institucionais que garantam equidade na premiação, incentivo à cobertura midiática justa e ações educativas para combater o preconceito de gênero e orientação sexual no esporte. Além disso, a implementação de campanhas de conscientização e políticas públicas voltadas para a inclusão pode contribuir significativamente para transformar a cultura esportiva, tornando o voleibol um espaço verdadeiramente democrático e representativo para todos os atletas.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L.(2011). **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/hhywJFvh7ysP5rGPn3QRFWf/> . Acesso em: 8 fev. 2025.

BRITO, G. M. Performances de masculinidades no voleibol: experiências de jovens atletas gays e bissexuais. **Esporte e Sociedade**, v. 11, n. 32, p. 1-21, 2016. Acesso em:



<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rbcm/article/view/6565/5209>. Disponível em: 20 fev. 2025.

CARVALHO, F. R.; SILVA, R. B.; MENDES, L. P. Orientação sexual e identidade de gênero no voleibol: conflitos e percepções de atletas homossexuais. **Revista Brasileira de Ciências do Movimento**, v. 25, n. 3, p. 56-72, 2017. Disponível em: Acesso em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/61467/61467.PDF> 18 fev. 2025.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. Diretrizes do COI sobre Representação de Gênero no Esporte. Lausanne: COI, 2018. Disponível em: <https://stillmed.olympics.com/media/Documents/Beyond-the-Games/Gender-Equality-in-Sport/IOC-Gender-portrayal-guidelines-PT.pdf>.

LAURINDO, L. C.; MARTINS, F. S. Masculinidades não ortodoxas e suas ambiguidades na prática do voleibol: um estudo sobre tensões de gênero no esporte. **Maxwell PUC-Rio**, 2023. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/61467/61467.PDF>. Acesso em: 20 fev. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

ROMARIZ, S. B.; VOTRE, S. J.; MOURÃO, L. Representações de gênero no voleibol brasileiro: a imagem do teto de vidro. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 4, p. 219-237, out./dez. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/32657/23456>. Acesso em: 6 fev. 2025.

GLOBO ESPORTE. Vítima de homofobia no vôlei, Michael supera trauma e comemora: "Liberdade". 2025. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/tem-esporte/volei/noticia/vitima-de-homofobia-no-volei-michael-s-upera-trauma-e-comemora-liberdade.ghml>. Acesso em: 10 fev. 2025.